

História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

da Silva, Paulo Renato

A devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança e a “confraternidade argentino-paraguaia” (1954)

História Unisinos, vol. 19, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 12-22

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866785008>

A devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança e a “confraternidade argentino-paraguaia” (1954)¹

The return of the Triple Alliance War trophies and
“Argentinian-Paraguayan brotherhood” (1954)

Paulo Renato da Silva²

paulo.silva@unila.edu.br

Resumo: No início da ditadura do general Alfredo Stroessner, a relação entre Paraguai e Argentina foi fortemente marcada pela reivindicação de elementos histórico-culturais em comum, um dos principais pilares da “confraternidade argentino-paraguaia”. Essa reivindicação marcou a devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança aos paraguaios em 1954, quando Juan Domingo Perón ocupava a presidência da Argentina. Consideramos que essa reivindicação histórico-cultural foi fundamental para a Argentina contrabalancear o fortalecimento do Brasil na região, pois buscou aproximar as sociedades argentina e paraguaia, inclusive, sob um discurso “americanista”. Para o Paraguai, essa reivindicação permitiu o desenvolvimento de uma política internacional bidirecional com a Argentina e o Brasil, não necessariamente alinhada com os brasileiros. Porém, não foi um processo isento de tensões. O artigo analisa esse processo no jornal paraguaio *Patria*, controlado pelo Partido Colorado de Stroessner.

Palavras-chave: peronismo, stronismo, integração latino-americana.

Abstract: In the early stages of dictator Alfredo Stroessner's rule, Argentina-Paraguay relations were characterized by the claim of a shared history and culture, a mainstay of “Argentinian-Paraguayan brotherhood”. This stand was supported by the return of the Triple Alliance War trophies to Paraguay in 1954, by the then Argentinian President Juan Domingo Perón. We argue that such a historical and cultural claim was crucial for Argentina to counteract Brazil's increasing influence in the region, since the initiatives of approximation taken by Perón were based on “Americanism”. As far as Paraguay is concerned, the aforementioned claim allowed the country to develop a bidirectional foreign policy with Argentina and Brazil, not necessarily aligned with Brazilian policies. However, it was a troubled process. This paper analyses that process as represented in the Paraguayan newspaper *Patria*, regulated by Stroessner's Party, the Partido Colorado.

¹ A pesquisa para a finalização deste artigo contou com o auxílio do Programa de Apoio ao Pesquisador da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PROPESQ), financiado pelo Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA) em colaboração com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da universidade.

² Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) de Foz do Iguaçu (PR).

Keywords: Peronism, Stronism, Latin American integration.

Introdução

Durante a ditadura do general Alfredo Stroessner (1954-1989), consolidou-se a aproximação entre o Paraguai e o Brasil. Por outro lado, nesse período, o Paraguai e a Argentina teriam se distanciado, o que teria colaborado para o enfraquecimento econômico e político dos argentinos no Cone Sul.

O peronismo é destacado como uma das causas desse processo. No Paraguai, o golpe de Estado de 1954, liderado por Stroessner, teria sido dado contra a crescente aproximação entre o governo do presidente Federico Chaves (1949-1954) e o de Juan Domingo Perón (1946-1955). Entretanto, após ser derrubado em 1955, Perón se exilou no Paraguai até 2 de novembro daquele ano, o que, por sua vez, teria afastado o país dos governos antiperonistas que se sucederam na Argentina, como o do general Eduardo Lonardi (setembro-novembro de 1955) e o do general Pedro Eugenio Aramburu (1955-1958).

Baseando-se, por exemplo, na construção de Itaipu, na migração de brasileiros para o Paraguai e nas – supostas – preferências de Stroessner e do Partido Colorado pelo Brasil, parte da historiografia analisa como inevitável a aproximação do Paraguai com o Brasil durante o stronismo, adotando uma perspectiva retrospectiva que desconsidera a historicidade do processo, suas tensões e indeterminação. A concessão de asilo a Perón, apesar do “antiperonismo” de Stroessner, é um exemplo disso. Tampouco interessava ao Paraguai descartar acordos e parcerias com a Argentina.

Além dos interesses econômicos e políticos expressivos de ambos os países, consideramos que a relação entre a Argentina e o Paraguai, no começo do stronismo, foi fortemente marcada pela reivindicação de elementos histórico-culturais em comum, como demonstraria, por exemplo, a devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) aos paraguaios em 1954, quando Perón era presidente da Argentina.³ Consideramos que essa reivindicação histórico-cultural foi fundamental para a Argentina contrabalancear o fortalecimento do Brasil na região, pois buscou aproximar as sociedades argentina e paraguaia, inclusive, sob um discurso “americanista”. Para o Paraguai, essa reivindicação permitiu o desenvolvimento de uma política internacional bideracional com Argentina e Brasil, não necessariamente

alinhada com os brasileiros.⁴ A comunicação analisa esse processo no jornal paraguaio *Patria*, controlado pelo Partido Colorado de Stroessner.

Antes, vejamos melhor como algumas dessas questões aparecem na historiografia. “[...] o Brasil substituiu a Argentina como o principal parceiro comercial do Paraguai [...]”, resume Menezes na apresentação de *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai (1955-1980)* (1987, p. 9), um dos primeiros trabalhos sobre o tema. Segundo Moraes (2000, p. 90-91), no Paraguai, a partir de 1954, “[...] a política exterior, de orientação pró-Argentina, passou a ser substituída pela política de aproximação com o Brasil”. Farina, em *El Último Supremo* (2003), sobre a ditadura Stroessner, tem um subcapítulo intitulado “De la Argentina al Brasil”.

A formação militar e a trajetória política de Stroessner explicariam essa guinada do Paraguai em direção ao Brasil. Brezzo e Yegros (2010, p. 142) recordam que Stroessner “[...] tenía bien conocidas simpatías por el Brasil, donde había cursado estudios de perfeccionamiento profesional”. Além disso, alguns autores destacam que, para Stroessner, a Argentina seria um reduto tradicional de golpistas paraguaios, razão pela qual o Paraguai deveria se afastar da Argentina. Farina cita que “[e]l propio Stroessner había conspirado en territorio argentino en 1949” (2003, p. 118).

O próprio Partido Colorado, ao qual pertencia Stroessner, teria uma inclinação maior pelo Brasil do que pela Argentina, ao contrário do que caracterizaria o Partido Liberal, o outro partido “tradicional” do Paraguai. A respeito da fundação do Partido Colorado em 1887, ou seja, no pós-Guerra da Tríplice Aliança, Moraes (2000, p. 20-21) destaca que, inicialmente, “[...] seus principais integrantes eram ‘os proprietários e militares conservadores, [...] ligados à influência da Chancelaria brasileira’ [...]. Apesar disso, [...] procurou apresentar-se como defensor da soberania nacional”. Já o Partido Liberal, nas palavras da mesma autora:

No espectro político paraguaio, frente às disputas do Brasil e Argentina por maior influência na região, historicamente, esse partido tem sido considerado de tendência pró-Argentina. [...] [...] Osmar Diaz de Arce [...] afirma que “o Partido Liberal desde a sua fundação de certa forma representava os interesses de um grupo de latifundiários burgueses, vinculados aos interesses anglo-argentinos” (Moraes, 2000, p. 19-20).

³ Os “troféus” se referem a um conjunto de bens públicos e particulares que tinham sido apropriados pelas tropas argentinas durante o confronto. Brezzo faz uma descrição detalhada dos troféus devolvidos em *La devolución de los trofeos de guerra* (2014, p. 72-75).

⁴ Consideramos que as perspectivas do “equilíbrio instável”, presente em Lezcano (s.d.), e da “política pendular”, defendida por Birch (1988), tomam as divergências entre Argentina e Brasil como a principal diretriz da política internacional do Paraguai e, assim, dotam a política externa do país de uma excepcionalidade que é comum na dinâmica das relações internacionais. Em *La política exterior del Paraguay (1811-1989)*, Mora lembra, ainda, que as relações internacionais do Paraguai não se restringiam à Argentina e ao Brasil. Segundo o autor, Stroessner tinha o objetivo de manter “[...] cordiales relaciones políticas, económicas y comerciales con Argentina, Brasil, Estados Unidos y la Comunidad Europea [...]” (Mora, 1993, p. 89).

Essa inclinação pelo Brasil teria rachado os colorados durante a presidência de Federico Chaves, pois seu governo teria sido marcado pelo aprofundamento das relações com a Argentina, então governada por Perón. Chaves teria, portanto, contrariado as “inclinações” do seu próprio partido ao se aproximar dos argentinos. Conforme destacado, o golpe de Estado de 1954, liderado por Stroessner, teria sido dado contra essa crescente aproximação com a Argentina. Como destaca Nickson, Stroessner, durante o governo Chaves,

[...] silenciosamente, movilizó el apoyo de los colorados conservadores y de los grupos, dentro de las Fuerzas Armadas, que se oponían a la relación cada vez más estrecha entre el gobierno de Chaves y el gobierno populista de Juan Domingo Perón, en Argentina. Al hacer esto, aprovechó la tradicional antipatía militar hacia un antiguo enemigo de la Guerra de la Triple Alianza [...] (Nickson, 2010, p. 266).

Farina destaca, ainda, que o golpe foi dado em 4 de maio de 1954, apenas poucos dias antes de uma visita de Perón ao Paraguai, o que demonstraria que o golpe era uma clara mensagem contra a Argentina. De qualquer modo, como desenvolveremos em seguida, a visita foi apenas adiada: o convite foi mantido pelo novo governo paraguaio e Perón visitou o país em agosto do mesmo ano.

Um dos principais pontos lembrados para apontar o afastamento do Paraguai em relação à Argentina é a construção da usina hidrelétrica de Itaipu com o Brasil, o que teria enfraquecido os argentinos na Bacia do Prata e demonstrado a “ineficiência” de sua diplomacia. Ainda durante a construção da usina, Menezes destacou:

O que deve chamar a atenção é como os paraguaios ficaram firmes ao lado do Brasil, fato impossível no passado recente entre os dois países. Naturalmente que os paraguaios desejavam as outras duas usinas elétricas com os argentinos. Mas, àquela altura, o projeto Sete Quedas estava quase pronto e os projetos de Corpus e Yacyretá, – provavelmente devido à incrível instabilidade política reinante na Argentina – estavam somente em conversações e muito longe de ser uma coisa real, como já o era o de Sete Quedas. Na dúvida, os paraguaios, que não são tolos e conheciam de perto a sua história e o seu relacionamento com a Argentina, abraçaram o Brasil (Menezes, 1987, p. 100).

A “incrível instabilidade política” e a falta de projetos “concretos” da Argentina explicariam a opção do Paraguai pelo Brasil. Em tempo, a usina de Corpus não vingou. O acordo da usina de Yacyretá foi assinado em 1973, assim como o de Itaipu, mas a usina foi inaugurada somente em 1994, 10 anos depois da usina construída com o Brasil. Além dos fatores apontados por Menezes, Farina, ao comparar Itaipu e Yacyretá, acrescenta que “o caráter e a capacidade executiva” dos brasileiros pautaram a diferença entre a história das duas usinas:

[...] para marcar el carácter y la capacidad ejecutiva entre brasileños y argentinos, los primeros imprimieron un ritmo vertiginoso a Itaipú mientras los segundos perdieron mucho y valioso tiempo en disidencias internas y externas y en indefiniciones exasperantes que atrasaron las obras originando a la vez extremados sobrecostos (Farina, 2003, p. 153).

Outro processo frequentemente apontado para mostrar a aproximação entre Paraguai e Brasil durante o stronismo é a migração de milhares de brasileiros – os chamados brasiguaios – sobretudo para a região leste do Paraguai. A ditadura Stroessner tinha como uma de suas metas a “colonização” do leste paraguaio, para desenvolver ali uma agricultura direcionada para o mercado externo, que rompesse, assim, com a “economia tradicional” que caracterizava áreas importantes do país.⁵ No Brasil, a crescente mecanização do campo e a incorporação de pequenas e de médias propriedades por latifúndios, principalmente no Estado do Paraná, colaboraram para que um contingente expressivo de camponeses e de pequenos e médios proprietários migrasse para o Paraguai, onde as terras eram mais baratas e havia maior liberdade para os estrangeiros adquirirem propriedades. Assim como no caso de Itaipu, é interessante como o discurso da “eficiência” e da “dedicação” dos brasileiros também está presente na explicação desse processo:

Para as autoridades brasileiras e para os paraguaios vivendo nas cidades de fronteiras, a presença de brasileiros no setor agrícola era uma dádiva divina para o Paraguai. Para eles, os brasileiros estavam melhorando a agricultura do país e promovendo o desenvolvimento de algumas áreas que não possuíam antes nenhuma técnica agrícola e, ainda, dando exemplos aos outros com o seu trabalho duro e diuturno. O Capitão Roberto Valdez, Inspetor Geral da Imigração no Paraguai, disse que a colonização daquela área com brasileiros seria

⁵ Resumidamente, consideramos que a “economia tradicional” engloba o conjunto de práticas relacionadas a uma concepção e uso comunal da terra por comunidades campesinas e/ou indígenas.

bem mais rápida. [...] No entanto, continuava Valdez, o governo paraguaio desejava somente trabalhadores bons e eficientes para ajudar naquele desenvolvimento, pois de “malandros e vagabundos nós estamos cheios” (Menezes, 1987, p. 157).

Não se trata de questionar o estreitamento das relações entre Paraguai e Brasil durante o stronismo. Vários são os dados e processos que o comprovam, como acabamos de destacar, por exemplo, no caso de Itaipu e dos brasiguaios. Porém, a historiografia não pode simplesmente reproduzir os discursos políticos – autoritários – que foram usados para legitimar a aproximação entre o Paraguai e o Brasil, discursos estes pautados pelas noções de “desenvolvimento” e de “progresso”, dentre outros pontos. Como destaca Soler (2012, p. 108-109), “[...] la ruptura de la hegemonía argentina demoraría algunos años en llegar. [...] De hecho, [apenas] a partir de 1980 Brasil se convirtió en el principal socio comercial del Paraguay, desplazando a la Argentina de esta histórica posición”. Além disso, é necessário ir além dos âmbitos econômico e político e considerar os processos culturais, diretamente envolvidos *ou não* nos acordos entre os países. Consideramos que os processos culturais nos permitem apreender mais amplamente o papel da sociedade de cada país nas relações entre o Paraguai, o Brasil e a Argentina.

A respeito da suposta inclinação do Partido Colorado pelo Brasil e do Partido Liberal pela Argentina, Soler destaca que não necessariamente correspondem a posições assumidas por ambos os partidos e que se trata de releituras da história paraguaia empreendidas para justificar e legitimar posicionamentos posteriores tomados por colorados e liberais:

La mayoría de los trabajos referentes al Partido Liberal y al Partido Colorado sostienen que ambos estuvieron influenciados por los intereses y capitales pertenecientes, respectivamente, a Argentina y Brasil [...]. Tales diferenciaciones responden mucho más a las relecturas del pasado que se iniciaron tímidamente a finales del siglo XIX y se cristalizaron en 1920, exacerbadas con la dictadura stronista y la redirección de la política exterior con Brasil (Soler, 2012, p. 41-42).

Em *Relações Brasil-Paraguai: afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954)*, Doratioto (2012) cita, ainda, que existem divergências quanto aos principais motivos do golpe contra Federico Chaves em 1954. Segundo a posição norte-americana, destacada pelo autor, a proximidade de Chaves com a Argentina peronista foi motivo de “considerável discussão” interna, mas não teria sido o elemento decisivo para o golpe. Tampouco teria existido,

assim, uma influência ou participação direta do Brasil ou de qualquer outro país. Teria sido uma crise interna com desdobramentos externos:

[...] se alguma influência externa contribuiu para essa crise, seria a certeza, por parte dos golpistas, de que os governos brasileiro e norte-americano não condenariam a queda de um governo que tinha estreitas relações com Perón (Doratioto, 2012, p. 517).

Além de questionar que o Partido Colorado tivesse necessariamente uma inclinação favorável ao Brasil, Soler distingue a relação que o Paraguai de Stroessner estabeleceu com a Argentina e o Brasil em dois níveis: um geopolítico e o outro simbólico-cultural. Segundo a autora, o desempenho do Brasil nos dois níveis não foi o mesmo:

En términos simbólicos Brasil no corrió nunca con la misma suerte que Argentina. Aunque como vimos el Estado brasileño desarrolló estrategias de integración geopolítica, que efectivamente posibilitaron romper con la hegemonía económica argentina, las resistencias simbólicas han sido, amén de duraderas, mucho más complejas (Soler, 2012, p. 131-132).

Isso não quer dizer que a Argentina não tenha tido “estratégias de integração geopolítica” com o Paraguai. Apenas para citar um exemplo, em 1953, Perón e Federico Chaves assinaram o “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina”. Mas, pautados em Soler, consideramos que, no caso da Argentina – e do Paraguai –, a (re)elaboração de uma memória histórico-cultural em comum teria facilitado a legitimação dessas estratégias, principalmente quando compararmos com o Brasil. Apesar das críticas, Stroessner, inicialmente, manteve o Convênio.

Ainda sobre esse ponto, Doratioto destaca várias ações simbólico-culturais e assistenciais que marcaram a relação entre Perón e Federico Cháves em meio à assinatura do Convênio. Essas ações teriam se intensificado após a visita de Perón a Chaves em outubro de 1953:

Retornando a Buenos Aires, o presidente argentino assinou, em 16 do mesmo mês, o decreto 19.256 que legalizava, na Argentina, os estudos realizados no Paraguai e os diplomas profissionais ali obtidos. [...]. Discursando no dia seguinte, na tradicional manifestação peronista de 17 de outubro na Plaza de Mayo, Perón expôs o Decálogo de la Confraternidad Argentino-Paraguaya e afirmou que, a partir desse dia, todos os paraguaios eram compatriotas dos argentinos [...]. O governo paraguaio, em reciprocidade, decretou, no final de outubro, o reconhecimento dos estudos e diplo-

mas obtidos na Argentina, além de tornar obrigatória a leitura e explcação do Decálogo nas escolas paraguaias. Por essa época, foi publicada [sic] em guarani o livro La razón de mi vida, de Eva Perón, enquanto a Fundación com esse nome passou a atuar no Paraguai (Doratioto, 2012, p. 513-514).⁶

Destacamos que Farina, em *El Último Supremo*, concorda com a posição recorrente da historiografia quanto às relações entre Stroessner e o Brasil. Porém, faz ponderações no decorrer do livro. Considera, por exemplo, que o ditador se aproximou do Brasil “[...] no para desprenderse definitivamente de la Argentina, sino para tener ‘la libertad de elegir’” (Farina, 2003, p. 118). O autor destaca, ainda, um elemento histórico-cultural que teria sido decisivo na relação entre a Argentina e o Paraguai e que corroboraria a visão de Lorena Soler apontada acima: em 1954, no dia da posse de Stroessner na presidência, Perón devolveu aos paraguaios os troféus da Guerra da Tríplice Aliança que estavam em poder dos argentinos. Segundo Farina, foi um “golpe emocional” para os paraguaios. O autor destaca que a devolução foi marcada por um discurso “americanista” e contou inclusive com o apoio dos opositores de Perón, apesar de ser apresentado pelo seu governo como um feito dos peronistas:

El mensaje con que Perón había acompañado el proyecto de ley expresaba que “las causas políticas que llevaron a la guerra a paraguayos y argentinos fueron ajena a su auténtica vocación americanista” y a continuación dejaba bien en claro la posición de su facción al enfatizar que era “la Nueva Argentina, alentada por principios doctrinarios del justicialismo” la que devolvía los trofeos al Paraguay. A pesar de estas expresiones sumamente sectarias, la ley consiguió consenso incluso entre los diputados radicales, que, aunque con objeciones respecto al significado faccioso de la disposición, aceptaron sancionarla finalmente (Farina, 2003, p. 99).⁷

O objetivo deste artigo é analisar a (re)construção da “confraternidade argentino-paraguaia” diante da devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança. Conforme destacamos, analisaremos esse processo no jornal paraguaio *Patria*, controlado pelo Partido Colorado

de Stroessner. Além de ser uma fonte pouco pesquisada pelos historiadores, o jornal permite conhecer a forte repercussão da iniciativa argentina na sociedade paraguaia.

Além disso, permite analisar as posições, as estratégias e as divergências dos paraguaios – ou, pelo menos, dos colorados – quanto às relações internacionais do país no período.⁸ Os estudos se concentram no papel da Argentina e do Brasil, e as posições paraguaias ainda costumam aparecer como um simples desdobramento das decisões argentinas e brasileiras. Falta analisar efetivamente em que medida o Paraguai e sua sociedade foram participantes ativos destes processos. Assim, discordamos de Farina quando fala em “golpe emocional”, pois pode sugerir que houve um automático e incondicional alinhamento do Paraguai – e dos paraguaios – com a Argentina de Perón. Apesar do entusiasmo provocado pela devolução, o processo foi marcado por cobranças, negociações e apropriações do discurso peronista pelos paraguaios.⁹

A devolução dos troféus

A devolução representaria e consolidaria o reencontro de dois povos que teriam uma origem histórico-cultural em comum. Em *El Abrazo Fraterno de Dos Presidentes y de Dos Pueblos*, publicado em *Patria* em 11 de agosto de 1954, lemos que se tratava de uma “[...] hermandad proclamada por la raza, por la geografía y por la historia, tanto como por el común destino y las idénticas aspiraciones de progreso y bienestar” (*Patria*, 1954e, p. 1). A Guerra da Tríplice Aliança aparece como algo “infausto” (*Patria*, 1954a, p. 1), como um exemplo das “divergências transitórias” (*Patria*, 1954e, p. 1) que marcariam a história dos dois povos. Apesar disso, a própria guerra teria tido um papel fundamental na “confraternidade”, pois teria permitido que ambos os povos se conhecessem melhor. O jornalista argentino Caffaro Rossi, referindo-se à guerra, afirmou: “Sacrificio que no fue, de todas maneras, en vano, pues abrió el camino para una definitiva comprensión [...]” (Caffaro Rossi, 1954, p. 1).¹⁰

Outro momento de tensão entre argentinos e paraguaios também é minimizado no jornal: a independência do Paraguai em relação a Buenos Aires, em 1811. No discurso pronunciado no ato da devolução dos troféus, o historiador paraguaio Juan E. O’Leary – sobre

⁶ As ações da Fundação Eva Perón no país foram recentemente representadas no filme *Lectura Según Justino* (2013), de Arnaldo André, uma produção argentino-paraguaia.

⁷ Brezzo (2014, p. 60) destaca que os legisladores da União Cívica Radical “[...] pediam la coherencia que también se devolvieran los trofeos ganados en la guerra contra el Brasil”.

⁸ Conforme alertam autores como Capelato (1988), a imprensa não deve ser analisada como sinônimo da opinião pública. Contudo, pautados em autores como Darnton (1998), consideramos que a imprensa seja um espaço de interações e tensões entre uma opinião pública existente – ou supostamente existente – e outra que se deseja formar ou consolidar.

⁹ Como desejamos focar nas sociedades dos dois países, não analisaremos os discursos de Perón e Stroessner publicados em *Patria*.

¹⁰ Conforme destaca Brezzo (2014), a relação de Perón com o Paraguai e outros países da América de colonização espanhola foi pautada pela existência de uma “nação histórica” entre os diferentes países.

quem voltaremos a falar – frisou a relação amistosa que o general argentino Manuel Belgrano teria tido com os paraguaios. “Paisanos’ nos llamaba Belgrano en sus proclamas y paisanos fuimos siempre, por encima de nuestras fronteras [...]” (O’Leary, 1954b, p. 8). Contudo, Belgrano comandou tropas contra a Província do Paraguai, pois esta não aceitava o governo formado em Buenos Aires após a Revolução de Maio (1810), e foi derrotado. A derrota de Belgrano é um dos “marcos” da independência paraguaia.

Um dos pontos mais destacados no jornal para demonstrar essa proximidade foi a segunda e definitiva fundação de Buenos Aires por uma expedição que partiu de Assunção.

Sobre o fracasso da primeira fundação de Buenos Aires, o jornalista paraguaio Alonso Ibarra destacou o seguinte:

La ferocidad indígena de la comarca en el Río de la Plata [...] no había permitido a Buenos Aires ser la capital de aquellas provincias, [...] haciéndose de ese modo necesario buscar por el norte un asiento más seguro y propicio para la suerte futura de la Conquista (Ibarra, 1954, p. 7).

Assim, a (re)conquista da região de Buenos Aires teria sido possível graças a Assunção, localizada ao norte. O autor define Assunção como a “primeira capital” da região que futuramente se tornou o Vice-Reinado do Rio da Prata. Frisa que o Vice-Reinado foi criado em 1776 com capital em Buenos Aires, “[...] así como lo fuera Asunción durante los primeros cien años de la Conquista” (Ibarra, 1954, p. 7, grifos meus). As divisões administrativas não teriam estremecido os vínculos entre as duas cidades.

Ao contrário da maioria dos textos publicados em *Patria* naqueles dias, Ibarra não ressalta apenas o papel de Assunção na segunda fundação de Buenos Aires, mas também destaca o papel da “primeira” Buenos Aires na fundação da capital paraguaia:

Diez y ocho meses después de la fundación de Santa María de Buenos Aires por Pedro de Mendoza, Juan de Salazar funda también Nuestra Señora Santa María de la Asunción, por disposición del mismo primer Adelantado, con sesenta compañeros y elementos traídos de Buenos Aires (Ibarra, 1954, p. 7).

Outro elemento formador da “confraternidade” teria sido a ajuda que a Província do Paraguai deu a Buenos Aires na luta contra as invasões inglesas do início do século XIX. Em *El Aporte Paraguayo Cuando las Invasiones Inglesas* (1954), texto que dedica a Perón, Perez Acosta esclarece que a maior parte dos paraguaios solicitados pelo Vice-Rei não atuou em Buenos Aires, mas sim na Banda Oriental (Uruguai), antes da invasão da capital do Vice-Reinado pelos ingleses. Também reconhece que no “[...] asalto y toma de Montevideo quedó diezmado prácticamente el primer contingente paraguayo” (Perez Acosta, 1954, p. 7). De qualquer modo, a ação dos paraguaios na Banda Oriental teria atrasado o avanço dos ingleses, o que teria ajudado Buenos Aires a ter mais tempo para se preparar para a defesa. Além disso, apesar dos vários pedidos de licença, o autor considera possível que alguns paraguaios tenham se incorporado a outros destacamentos que lutaram “[...] el 5 de julio [de 1807] en la Defensa de Buenos Aires [...]” (Perez Acosta, 1954, p. 7), quando os ingleses foram derrotados.¹¹

Perez Acosta se refere, ainda, a dois elementos que demonstrariam a importância da ajuda paraguaia para a “confraternidade” entre os dois países. A bandeira do Paraguai teria se originado na luta contra os ingleses. “El uniforme del cuerpo de ‘Arribenos’, o sea, de la gente del litoral norte, era de azul y blanco con peto colorado [...]” (Perez Acosta, 1954, p. 7). Além disso, lembra que muitas ruas em Buenos Aires homenageavam destacamentos nos quais teria havido a participação de paraguaios: “Entre éstos figuraba el de ARRIBENOS (nombre que ostenta una de las calles bonaerense [sic], como otras similares Montañeses, Migueletes, Blandengues) [...]” (Perez Acosta, 1954, p. 7).

Um terceiro elemento recorrente na reivindicação da “confraternidade argentino-paraguaia” é a participação de paraguaios, como o coronel José Félix Bogado, nas tropas de San Martín, “O Libertador” da Argentina. Argentinos e paraguaios aparecem, assim, unidos pela independência da América. O discurso “americanista” que marca a “confraternidade” demonstraria que argentinos e paraguaios seriam movidos por princípios mais amplos, que a relação entre os dois povos iria muito além dos – imediatos – interesses de cada um. Em *Paraguay y la Argentina, Hermanados en la Justicia y la Libertad*, o jornal associa os argentinos ao “abnegado” San Martín, lembrado pelo seu “[...] sublime renunciamiento en la hora decisiva de Guayaquil” (*Patria*, 1954k, p. 1).¹²

¹¹ Brezzo (2014, p. 64) destaca que, em 1954, em Buenos Aires, “[...] en el aniversario de la fecha de la Reconquista, durante las invasiones inglesas, el gobierno de la ciudad hizo colocar las insignias nacionales del Paraguay al lado de la bandera y escudo argentinos en el pórtico de la Plaza de Mayo, hecho que fue recogido por la comunidad paraguaya en el país calificándolo como ‘grato recuerdo del aporte paraguayo a la memorable ocasión’.

¹² A “renúncia de Guayaquil” se refere à retirada de San Martín do Peru, depois de divergências com Bolívar. Versões nacionalistas da história argentina interpretam a “renúncia” como um gesto para diminuir as divergências entre os que lutavam pela independência e, assim, terminar logo a guerra.

O jornal destaca, ainda, acordos recentes da Argentina com Chile e Equador, similares ao “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina” de 1953, o que mostra a vocação “americanista” da política de Perón (*Patria*, 1954k, p. 5). Ações da Fundação Eva Perón, lembradas por Doratioto, prosseguiram após a queda de Chaves e também são destacadas em *Patria* naqueles dias, o que reforçaria a imagem dos argentinos como “altruístas” e, portanto, “desinteressados” em relação ao Paraguai. Em 6 de agosto de 1954, o jornal noticia que quatro ex-soldados da Guerra do Chaco (1932-1935) estavam se tratando em um hospital da Fundação (*Patria*, 1954c, p. 5).¹³

Outro ponto destacado é a atuação de Francisco Solano López, o governante paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança, como mediador entre Buenos Aires e a Confederação Argentina no ano de 1859, quando era Ministro da Guerra de seu pai, Carlos Antonio López (*Patria*, 1954i, p. 1).¹⁴ Apesar dos resultados insatisfatórios da mediação, o Paraguai teria tido, assim, um papel fundamental nas tentativas de se unir e consolidar o Estado nacional argentino.

Observa-se, ainda, que Perón não teria sido o primeiro em promover o reencontro entre os dois povos após a Guerra da Tríplice Aliança, ainda que tivesse o mérito de ter consolidado este processo. Parece haver uma “desperonização” da “confraternidade”, possivelmente para conter os setores do Partido Colorado e da sociedade paraguaia contrários à aproximação com Perón. A devolução dos troféus aparece como o resultado “natural” de um processo iniciado bem antes, antes da ascensão de Perón e da assinatura do “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina”: procura-se, assim, desvincular a devolução dos troféus dos interesses econômicos e políticos argentinos. Aqui cabe ressaltar um aspecto importante, não desenvolvido satisfatoriamente pela historiografia: os setores paraguaios contrários à aproximação com Perón não necessariamente eram contra a Argentina. Daí, nos parece, as tentativas vistas em *Patria* para enraizar a “confraternidade” na história dos dois povos, muito além do período peronista.

Sobre isso, o *Patria* de 6 de agosto de 1954 noticia a publicação da pequena coletânea *Confraternidad Paraguayo-Argentina: palabras de sinceridad que aclaran el pasado y el presente*, organizada pelo já citado historiador paraguaio Juan Emiliano O’Leary (*Patria*, 1954b). A coletânea foi publicada pela Imprenta Nacional do Paraguai naquele ano. O’Leary se notabilizou por defender os

governantes paraguaios do século XIX, particularmente Francisco Solano López, e foi um dos principais críticos da Tríplice Aliança que combateu o Paraguai. Em *Confraternidad Paraguayo-Argentina* são publicados os discursos pronunciados em 1924 por O’Leary e pelo embaixador argentino Fernando Saguier, quando este deixava o Paraguai. Na ocasião, o embaixador depositou flores no Panteão dos Heróis ao Coronel José Félix Bogado – que lutou nas tropas de San Martín – e ao General José Díaz, um dos principais líderes paraguaios na Guerra da Tríplice Aliança. Teria sido uma homenagem do governo, do exército e do povo argentino ao Paraguai (O’Leary, 1954a).

Além disso, no já citado *El Abrazo Fraterno de Dos Presidentes y de Dos Pueblos* (*Patria*, 1954e), publicado em 11 de agosto de 1954, é destacado que os ex-presidentes argentinos Carlos Pellegrini (1890-1892) e Hipólito Yrigoyen (1916-1922 e 1928-1930) lamentavam a ocorrência da Guerra da Tríplice Aliança e destacavam a necessidade de superá-la (*Patria*, 1954e, p. 1). Em *El General Perón y el Pueblo Paraguayo*, publicado em 15 de agosto de 1954, Caballero lembra que o presidente Ramón S. Castillo (1942-1943) tinha perdoado a dívida paraguaia, com a concordância das duas casas legislativas da Argentina (Caballero, 1954, p. 3). Para dar apenas mais um exemplo, o jornal também lembra que os dois países tinham chegado a um acordo sobre os problemas de fronteira em torno do Rio Pilcomayo, surgidos após a Guerra da Tríplice Aliança. O jornal destaca o acordo de 1939 e o acordo complementar de 1945 (*Patria*, 1954j, p. 1).

Além da reivindicação de elementos histórico-culturais em comum, a devolução também é marcada por uma forte crítica ao Brasil no artigo *Fundamentos de una Política Americana (La Devolución de Trofeos al Paraguay)*, do argentino Gimenez Veja (1954), ligado ao revisionismo histórico do país. O revisionismo histórico se constituiu como uma das principais críticas à tradição liberal argentina e sua interpretação da história e da política do país. Segundo informação do próprio *Patria*, o texto de Gimenez Vega, antes, foi publicado no periódico argentino *Dinámica Social*, em junho daquele ano.

O autor destaca que a guerra não era popular na Argentina e cita letados e políticos do país que se posicionaram contra, como José Hernández, Carlos Guido y Spano, Olegario Víctor Andrade¹⁵, Justo José de Urquiza, Juan Bautista Alberdi e Carlos Alfredo D’Amico. Além de apontar essa contradição entre a declaração de guerra e o desejo do povo argentino, Gimenez Vega destaca que

¹³ No dia 14, o jornal anuncia que seria inaugurado um busto de Evita em Assunção e, no dia seguinte, publica uma foto de Eva Perón com “Los Derechos de la Ancianidad” proclamados pela primeira-dama.

¹⁴ Em 1859, a “Argentina” ainda era marcada pelas guerras civis entre as Províncias reunidas na “Confederação” e Buenos Aires. A mediação de Solano López resultou no Pacto de San José de Flores, o qual não conseguiu cessar as hostilidades.

¹⁵ Nasceu em Alegrete, no Brasil, em 1839, durante um período de exílio de seu pai. Pouco após o nascimento, seus pais retornaram à Argentina.

a Argentina e o Paraguai tinham um interesse em comum na região: garantir a independência do Uruguai, “[...] víctima de la ambición brasileña que quería establecerse en la cuenca del Plata, ser dueña de los ríos que daban al mar, crear así un paso para todo el Mato Grosso y extender sus dominios de una punta a la otra del continente Sur” (Gimenez Vega, 1954, p. 5). Assim, para o autor, a Guerra da Tríplice Aliança, “[...] en verdad fue de Brasil contra tres naciones hispanas, como decía Alberdi” (Gimenez Vega, 1954, p. 1).

O que explicaria essa contradição? Por que a Argentina declarou guerra ao Paraguai contra o desejo dos argentinos e os seus próprios interesses na região? Segundo Gimenez Vega, a guerra foi provocada pelo imperialismo inglês, que teria o Brasil como “testa de ferro” e representantes na Argentina, dentre os quais destaca alguns dos principais nomes da tradição liberal do país. “Esa fue la guerra de Mitre, de Sarmiento, de los herederos de Caseros, los que recibieron el poder de manos del Brasil. No fue guerra argentina” (Gimenez Vega, 1954, p. 5). O autor questiona, assim, a tradição liberal como representante da sociedade argentina, como defensora dos interesses nacionais.

Logo, o apelo à “confraternidade argentino-paraguaia” deslegitima o avanço do Brasil na região e também representa, para o peronismo, uma justificativa para combater, internamente, a “oligarquia” liberal. “Aún hoy, para esta burocracia mediocre que padecemos contra la que el gobierno de la Nación planea en estos mismos momentos una fundamental y oportuna reacción, vale más el nombre de estos próceres, ya bastante decaídos, que la honra del país” (Gimenez Vega, 1954, p. 5).

Gimenez Vega critica o discurso clássico da tradição liberal argentina, que relaciona esta tradição à “civilização”. Esse mesmo discurso foi usado na guerra contra o Paraguai, pois o governante do país, Francisco Solano López, e os paraguaios representariam a “barbárie” e, portanto, deveriam ser combatidos. O autor ironiza esse discurso ao destacar que a guerra foi declarada para

[...] combatir la “barbarie” de una república que poseía una flota fluvial, ferrocarriles, telégrafos, escuelas... Era bárbaro porque carecía del periodismo porteño, las luces rivadavianas, el descreimiento de Sarmiento, la falta de moral de los gobernantes argentinos. [...]. Pero es importante que se sepa que a la dignidad, al trabajo, al espíritu emprendedor e inteligente del Paraguay, le oponíamos la civilización de nuestras

luchas, nuestros odios, nuestras muertes (Gimenez Vega, 1954, p. 5).

Ainda sobre o discurso da “civilização” contra a “barbárie”, Gimenez Vega lembra, também, que no Brasil havia escravidão durante a guerra. O autor defende que os paraguaios se sacrificaram em nome da “[...] libertad, no como grito abstrato y proselitista, sino como fórmula de vida, amenazada y afrentada por el esclavismo del Imperio” (Gimenez Vega, 1954, p. 1).¹⁶ O Brasil é, assim, relacionado ao imperialismo e à escravidão, o que destoa do discurso dos “vencedores” da guerra.

Finalmente, cabe destacar como o autor explica a posição do governador da Província de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas (1829-1832 e 1835-1852), em relação ao Paraguai. Rosas, adversário dos liberais argentinos, não reconheceu a independência paraguaia. Para Gimenez Vega, Rosas não reconheceu a independência, pois desejava a formação de um Estado grande e forte na região que freasse o imperialismo brasileiro e inglês:

Rosas, como San Martín, como Monteagudo y como Bolívar, pensaba que la América del Sur debía nuclearse como gran Estado para compensar el coloso del norte, establecer una [sic] balanceo en América y defenderse especialmente contra la voracidad de Inglaterra y Francia. Pero Rosas fue derrocado por Inglaterra, instigadora secreta de todos los conflictos. La caída de Rosas trajo aparejados compromisos con Brasil, testaferro de Inglaterra. Uno de ellos fue la alianza contra el Paraguay (Gimenez Vega, 1954, p. 5).

A publicação do artigo indica que setores do coloradismo e da sociedade paraguaia compartilhavam destas críticas ao Brasil. Não se observa, assim, uma “inclinação natural” para o Brasil. Entretanto, existe um detalhe que precisa ser apontado: a autoria do artigo é destacada logo abaixo do título, na primeira página do jornal e, após o nome de E.S. Gimenez Vega, sua nacionalidade aparece entre parênteses: “(Argentino)”. Assim, a publicação do artigo contemplava os argentinos e os grupos paraguaios – e colorados – anti-Brasil. Contudo, o destaque dado à nacionalidade do autor também parece distanciar e isentar o jornal e o Partido Colorado das críticas ao Brasil, motivo pelo qual preferimos dizer que o Paraguai desenvolveu uma política internacional bidirecional com argentinos e brasileiros.

¹⁶ Cabe ressaltar que os revisionistas tenderam a apoiar o peronismo, mas Perón não se pautou exclusivamente pelo revisionismo histórico. Como destaca Liliana M. Brezzo, a versão revisionista sobre a Guerra da Tríplice Aliança “[...] no significaba una adscripción de Perón a otros dogmas propios del revisionismo histórico, sino que se centró más bien en una revalorización de las acciones de heroísmo y sacrificio patriótico de los paraguayos en la Guerra contra la Triple Alianza, como ejemplo de virtudes militares en sí mismas” (Brezzo, 2014, p. 56). Ainda sobre a relação de Perón com o revisionismo histórico e a tradição liberal argentina, cf. Silva (2009).

Porém, cabe frisar que posições anti-Brasil também eram explicitadas por nomes ligados ao Partido Colorado, como o historiador paraguaio O’Leary. No já citado *Confraternidad Paraguayo-Argentina: palabras de sinceridad que aclaran el pasado y el presente* (1954a), cujo lançamento foi divulgado por *Patria*, o historiador, assim como Gimenez Vega, se refere ao Brasil como o “inimigo comum” e associa o país ao imperialismo e à escravidão:

El enemigo común, el único enemigo, era el Monarca ambicioso, intrigante, desleal, que nos llevaba a pelear los unos contra los otros, para asegurar su menguado predominio en el Río de la Plata. No era siquiera el pueblo brasileño, extraño a las cavilaciones de su diplomacia, ajeno a las maniobras del imperialismo de los que mantenían en cadenas a millones de esclavos, mientras se lanzaban al exterminio de un pueblo en nombre de la libertad (O’Leary, 1954a, p. 25-26).

Conforme destacamos, a “confraternidade” aparece como anterior ao “Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina”. Porém, também se nota em *Patria* o estabelecimento de uma relação direta entre a “confraternidade” e o Convênio. Em *Paraguay y la Argentina, Hermanados en la Justicia y la Libertad*, se destaca que os instrumentos da “unidade” entre os dois países, “[...] aun dirigidos a regular interesses materiales, en consonancia con las exigencias de la realidad mundial, se asientan en los permanentes principios espirituales que definen la personalidad de los dos pueblos hermanos” (*Patria*, 1954k, p. 1). Mas há claramente duas tendências que se tensionam no jornal. Uma delas vê o Convênio como um desdobramento da “confraternidade”, como se observa na citação anterior. Porém, também existiam aqueles para os quais a “confraternidade” era um apelo para mascarar desequilíbrios do Convênio. Epifanio Méndez Fleitas, presidente do Banco Central do Paraguai, explicita e desmente essas preocupações:

La visita del General Perón, por segunda vez, al Paraguay, ha suscitado diversos comentarios. Pero, a decir verdad, el espíritu tendencioso de los mismos carece de fundamento. El propio General Perón no le da a esta visita otro alcance que el de completar el gesto de su gobierno para con nuestro país (*Patria*, 1954d, p. 1).¹⁷

O *Patria* de 20 de agosto de 1954 anuncia um acordo que alterou o câmbio entre os dois países. O comentário de Epifanio Méndez Fleitas parece ser uma nova resposta aos críticos do Convênio. “[...] el Sr. Méndez

manifestó que con ese acto se confirmaba, una vez más, la buena voluntad del Gobierno Argentino para llevar adelante el Convenio” (*Patria*, 1954h, p. 1). O *Patria* de 24 de agosto destaca que o objetivo do acordo era baratear produtos para desestimular o contrabando entre os dois países (*Patria*, 1954f, p. 1).

Assim, a devolução teve um forte impacto na sociedade paraguaia e marcou as relações entre os dois países, mas, como já antecipamos, consideramos que a perspectiva do “golpe emocional” não seja a mais adequada. A maioria dos artigos exalta a devolução e Perón, porém acreditamos que não se trata de uma mera adesão, mas sim de uma *apropriação* do discurso peronista, para que a “doutrina” do presidente argentino realmente pautasse a relação entre os dois países. Mesmo artigos entusiastas com o Convênio reconhecem que havia muito a ser feito:

Mucho se ha andado ya, desde el 14 de agosto de 1953, fecha en que se firmó el acta de Unión Económica. Y mucho falta por andar. Pero la visita del general Perón es ocasión propicia para reiterar nuestra absoluta fe en el éxito de la común empresa, cuya alta inspiración nace en los principios proclamados por el presidente argentino, estadista excepcional, que quiere para los pueblos de nuestra América, el goce absoluto y pacífico de la soberanía política, la independencia económica y la justicia social, garantía irreemplazable de la dignidad humana (*Patria*, 1954k, p. 5, grifos meus).

Além disso, na memória da “confraternidade”, os paraguaios reivindicam/ocupam um papel ativo no processo – a segunda fundação de Buenos Aires, a luta contra as invasões inglesas, a participação nas tropas de San Martín, etc. –, o que legitimava a busca de equilíbrio nas relações com a Argentina.

Considerações finais

Em seu recente e detalhado livro sobre a devolução dos troféus, Brezzo conclui o seguinte:

Si bien la teatralidad del gesto del Gobierno argentino junto a la reivindicación del pasado histórico paraguayo y la iniciativa peronista de integración regional tuvo un intenso impacto, fue breve. La devolución de los trofeos contribuyó débilmente a la superación de imágenes contrapuestas entre las sociedades, cuyos vínculos se vieron erosionados por renovadas cuestiones interestatales (Brezzo, 2014, p. 84).

¹⁷ Epifanio Méndez Fleitas era um dos principais nomes pro-Perón do Partido Colorado. Segundo as explicações que analisam o golpe de 1954 como uma resposta às relações estreitas do Paraguai com a Argentina peronista, a crescente popularidade de Méndez Fleitas teria sido um dos motivos que levaram Stroessner a derrubar Federico Chaves.

A autora considera que a relação entre as sociedades argentina e paraguaia foi pautada pelas “questões interestatais”. Não se trata de questionar o papel decisivo que os Estados nacionais exercem na relação entre os povos, mas cabe à historiografia levantar os âmbitos que escapam do alcance estatal. Além disso, cabe apreender a pressão que as sociedades também exercem sobre os Estados nacionais na definição das políticas “interestatais”. Discordamos que o impacto da devolução dos troféus tenha sido breve. O impacto não pode ser medido demasiadamente pelo sucesso ou não do Convênio econômico de 1953. Como destacamos, o Convênio, de fato, passou por revisões, mas estas estavam previstas em suas cláusulas (*in* Mersan, 1954). Além disso, é preciso considerar que o Convênio foi “substituído” por outros acordos políticos e comerciais entre os dois países.¹⁸

Segundo o censo argentino de 2010, mais de 500 mil paraguaios vivem no país e o número de argentinos no Paraguai também é bastante expressivo, representando a segunda nacionalidade estrangeira no país.¹⁹ A Argentina foi o destino de exilados paraguaios e o Paraguai foi o destino de exilados argentinos durante as ditaduras militares.²⁰ A devolução dos troféus está presente na memória das duas sociedades. Se o impacto da devolução tivesse sido breve, este livro de Brezzo não faria parte de uma coleção organizada pelo jornal *ABC Color* e pela editora El Lector sobre os 150 anos do início da Guerra da Tríplice Aliança. A devolução continua, inclusive, envolvendo as políticas “interestatais”. Em 2013, a presidente da Argentina Cristina Kirchner prometeu devolver ao Paraguai outros bens que teriam pertencido a Solano López (Última Hora, 2013).²¹

Vale ressaltar que a relação entre Paraguai e Brasil também foi caracterizada por elementos simbólico-culturais. Ricardo Yegros e Liliana M. Brezzo lembram, por exemplo, que desde “[...] 1944 actuó en Asunción una Misión Cultural Brasileña, que contribuyó a la conformación de la Escuela de Humanidades, transformada luego en Facultad de Filosofía” (Brezzo e Yegros, 2010, p. 135). Conforme desenvolve Ceres Moraes, a Missão Cultural Brasileira no Paraguai continuou nas décadas seguintes. Dentre outras medidas, difundiu o ensino do português, viabilizou a ida de professores universitários brasileiros, desenvolveu atividades artístico-culturais e revisou livros

didáticos para conter animosidades entre os dois países. “[...] era fundamental que os paraguaios, que durante cerca de oitenta anos haviam considerado o Brasil como o grande vilão de sua história, passassem a vê-lo como aliado [...]” (Moraes, 2000, p. 101). Poucos dias depois da visita de Perón, o *Patria* noticiou a morte do presidente brasileiro Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954). O jornal menciona a visita de Vargas ao país e destaca que “[...] simpatizó siempre con el Paraguay. Mantuvo una cordial relación y trabajó por una mayor y eficaz fraternidad entre nuestros dos pueblos” (*Patria*, 1954g, p. 1). Vargas teria tido uma dimensão “americana”, teria sido um “grande estadista da América” (*Patria*, 1954g, p. 1), representação muito próxima à de Perón em vários artigos que analisamos. Os brasileiros aparecem como “povo irmão” (*Patria*, 1954g, p. 1) e o Brasil como “a grande nação sul-americana” (G.H.M., 1954, p. 5).

No entanto, consideramos que a relação da Argentina e do Brasil com o Paraguai, nesse aspecto, foi marcada por uma diferença fundamental: enquanto o Brasil passou a difundir a cultura brasileira no país, a Argentina reivindicou a existência de uma *unidad histórico-cultural* entre os argentinos e os paraguaios. Em outras palavras, enquanto a aproximação cultural entre o Brasil e o Paraguai se apresentava como uma meta que se projetava para um futuro incerto, a relação entre os argentinos e os paraguaios, segundo a “confraternidade”, seria indissociável da história dos dois povos, antecederia os próprios Estados nacionais e estaria acima deles.

Referências

- BIRCH, M. 1988. La Política Pendular: política de desarrollo del Paraguay en la post guerra. *Revista Paraguaya de Sociología*, 73:73-103.
- BREZZO, L.M. 2014. *La devolución de los trofeos de guerra*. Asunción, El Lector; ABC Color, 94 p. (Colección 150 Años de la Guerra Grande).
- BREZZO, L.M.; YEGROS, R.S. 2010. *Historia de las relaciones internacionales del Paraguay*. Asunción, El Lector/ABC Color, 167 p.
- BRUNO, S. 2012. Migrantes argentinos en Paraguay, un abordaje (ala) contracorriente. In: Taller Paraguay desde las Ciencias Sociales, V, Asunción, 2012. *Anales...* Buenos Aires, Grupo de Estudios Sociales sobre Paraguay, 1:1-18. Disponível em: http://grupoparaguay.org/P_Bruno_2012.pdf. Acesso em: 01/05/2014.

¹⁸ Como destacam a própria Brezzo e Yegros (2010, p. 146), em “[...] 1958, se firmó un convenio para el estudio del aprovechamiento de la energía hidráulica a la altura de las islas Yacyretá y Apipé. La Comisión Mixta creada por ese convenio presentó un primer informe en 1964, determinando la posibilidad de construir una represa entre la isla Yacyretá y el rincón de Santa María, en territorio argentino. Por lo demás, en la década de 1960 se desarrollaron importantes negociaciones en torno a la libre navegación de los ríos compartidos”.

¹⁹ De acordo com Bruno (2012), em 2002, os argentinos representavam 40% dos estrangeiros no Paraguai, pouco abaixo dos 51% de brasileiros.

²⁰ Em seu estudo sobre os exilados paraguaios na Argentina, Halpern (2009) destaca a relação que estes tiveram, por exemplo, com o peronismo de esquerda da década de 1970.

²¹ Em tempo, muitos troféus devolvidos pela Argentina estão no Instituto de História e Museu Militar do Ministério da Defesa do Paraguai. E, para dar apenas mais um exemplo dos indícios da “confraternidade argentino-paraguaia”, no Museu do Barro, um dos mais importantes do Paraguai, encontramos o quadro *Retrato de Eva Perón* (1959), do pintor paraguaio e anarquista Ignacio Núñez Soler (1891-1983).

- CABALLERO, C.S. 1954. El General Perón y el Pueblo Paraguayo. *Patria*, Asunción, 15 ago. (2^a Sección).
- CAFFARO ROSSI, J. M. 1954. Gloriosos Trofeos, Símbolos de Hermandad. *Patria*, Asunción, 13 ago.
- CAPELATO, M.H.R. 1988. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo, Contexto/EDUSP, 78 p.
- DARNTON, R. 1998. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo, Companhia das Letras, 455 p.
- DORATIOTO, F. 2012. *Relações Brasil-Paraguai: afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954)*. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 552 p.
- FARINA, B.N. 2003. *El Último Supremo: la crónica de Alfredo Stroessner*. Asunción, El Lector, 428 p.
- G.H.M. 1954. Getulio Vargas entra en un Capítulo de la Historia. *Patria*, Asunción, 27 ago.
- GIMENEZ VEGA, E.S. 1954. Fundamentos de una Política Americana (La Devolución de Trofeos al Paraguay). *Patria*, Asunción, 15 ago. (4^a Sección).
- HALPERN, G. 2009. *Etnicidad, inmigración y política: representaciones y cultura política de exiliados paraguayos en Argentina*. Buenos Aires, Prometeo, 427 p.
- IBARRA, A. 1954. Reseña Histórica de la Vinculación Paraguayo-Argentina. *Patria*, Asunción, 15 ago. (2^a Sección).
- LEZCANO, C.M. [s.d.]. Política exterior, percepción de seguridad y amenaza en Paraguay. Disponible em: file:///C:/Users/rosa/Downloads/10.%20Pol%C3%ADtica%20Exterior,%20Percepciones%20de%20Seguridad...%20Carlos%20Mar%C3%ADa%20Lezcano.pdf. Acesso em: 29/04/2014.
- MENEZES, A. da M. 1987. *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai (1955-1980)*. Campinas, Papirus, 186 p.
- MERSAN, C.A. 1954. *Legislación Fiscal del Paraguay con la Legislación Bancaria y las Normas del Convenio de Unión Económica Paraguayo-Argentina*. Buenos Aires, 804 p.
- MORA, F.O. 1993. *La política exterior del Paraguay (1811-1989)*. Asunción, Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 198 p.
- MORAES, C. 2000. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 115 p.
- NICKSON, A. 2010. El régimen de Stroessner (1954-1989). In: I. TELESCA (org.), *Historia del Paraguay*. Asunción, Taurus, p. 265-294.
- O'LEARY, J.E. 1954a. *Confraternidad Paraguayo-Argentina: palabras de sinceridad que aclaran el pasado y el presente*. Asunción, Imprenta Nacional, 32 p.
- O'LEARY, J.E. 1954b. "Jamás Nuestra América Comtempló [sic] un Espectáculo como Éste". *Patria*, Asunción, 18 ago.
- PATRIA. 1954a. Ante la Proximidad de un Gran Acontecimiento. Asunción, 6 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954b. Confraternidad Paraguayo-Argentina. Asunción, 6 ago.
- PATRIA. 1954c. Cuatro Ex Soldados Paraguayos de la Guerra del Chaco se Atienden en el Policlínico Evita, de la Fundación Eva Perón. Asunción, 6 ago., p. 5.
- PATRIA. 1954d. Declaraciones del Sr. Epifanio Méndez. Asunción, 13 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954e. El Abrazo Fraterno de Dos Presidentes y de Dos Pueblos. Asunción, 11 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954f. El Nuevo Ajuste de Cambios con la Argentina. Asunción, 24 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954g. Falleció Getulio Vargas. Asunción, 25 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954h. Firmóse un Acta de Reajustes Cambiarios para las Importaciones de Argentina. Asunción, 20 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954i. La Mano de Dios entre Esplendores de Gloria. Asunción, 12 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954j. La Vieja Cuestión del Pilcomayo. Asunción, 11 ago., p. 1.
- PATRIA. 1954k. Paraguay y la Argentina, Hermanados en la Justicia y la Libertad. Asunción, 15 ago., p. 1; 5. (2^a Sección).
- PEREZ ACOSTA, J.F. 1954. El Aporte Paraguayo Cuando las Invaciones Inglesas. *Patria*, Asunción, 15 ago. (4^a Sección).
- SILVA, P.R. da. 2009. *¿Alpargatas si, libros no? Produção cultural e legitimidade política durante o governo de Perón (1946-1955)*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 255 p.
- SOLER, L. 2012. *Paraguay, la larga invención del Golpe: el stronismo y el orden político paraguayo*. Buenos Aires, Imago Mundi, 197 p.
- ÚLTIMA HORA. 2013. Cristina Fernández Devolverá Trofeos de Guerra. Disponible em: <http://www.ultimahora.com/cristina-fernandez-devolvera-trofeos-guerra-n721313.html>. Acesso em: 24/04/2014.

Submetido: 03/06/2014

Aceito: 14/11/2014